



Agrofloresta do Cocotá semeando saberes em agroecologia nas escolas da Ilha do Governador

Cocotá Agroforest sowing knowledge in schools on Ilha do Governador

PEREIRA, Isabela¹; MARQUES, Lucas²; HENRIQUE, Alexandre; NOGUEIRA, Jefferson

¹ UFRJ, isabelamacielfp@gmail.com; ² UFRJ, caslu.marques.96@gmail.com; agrofloresta.cocota@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Educação em Agroecologia

Resumo: A Agrofloresta do Cocotá é uma agrofloresta comunitária localizada no aterro do Cocotá, na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro. Foram realizadas diversas intervenções e atividades de educação ambiental pelas pessoas que compõem esse coletivo, não apenas no espaço da agrofloresta como em escolas públicas locais, com o objetivo de disseminar a agroecologia no território e tornar produtivos espaços ociosos nas escolas. Em 2019, foram implementadas hortas utilizando princípios dos Sistemas Agroflorestais em duas escolas municipais e uma estadual. Os resultados se mostraram bastante positivos, com uma produção de alimentos saudáveis para merenda escolar, e o crescente envolvimento e interesse das crianças na transformação do espaço da escola. O presente trabalho tem como objetivo reunir as experiências da agrofloresta comunitária do Cocotá com educação em agroecologia nas escolas, gerando um acervo do projeto com a finalidade de contribuir para futuras intervenções.

Palavras-chave: educação ambiental; horta; saberes; educação básica.

Contexto

O nome do bairro Cocotá deriva das palavras indígenas "Cog-etá" ou "Cog-atá", o que significa "roças" e refere-se aos cultivos feitos pelos primeiros habitantes da Ilha do Governador. Segundo o jornal Ilha Notícias, antes da década de 70, o local era ocupado pelas águas da baía e muitos insulanos se banhavam na Praia do Cocotá. Hoje em dia, após o aterramento, o local conta com um comércio expressivo, com a movimentada feira aos domingos, e diversas instituições públicas como o Centro Cultural Euclides da Cunha (biblioteca), o Fórum da Ilha do Governador, um posto de vistoria do Detran, a Lona Cultural Renato Russo, o terminal das barcas, uma Clínica da Família e uma UPA pediátrica. Além disso, são realizadas diversas atividades esportivas como skate, futebol, ciclismo, entre outras.

Nesse contexto, a Horta do Cocotá surgiu em 2017 com o plantio de girassol em um terreno ocioso do aterro, por um morador, o que deu início a um coletivo autogestionado, horizontal e comunitário, sem vínculo a nenhuma instituição. Com o passar do tempo, os moradores do entorno que colaboraram com a horta tiveram



contato com a agroecologia e começaram a aplicar os aprendizados como consórcios, cobertura do solo e adubação verde no espaço que passou a se chamar Agrofloresta do Cocotá. Os objetivos centrais das ações no aterro são a segurança alimentar, principalmente através de PANC como o feijão guandu, a saúde mental através do cuidado com o ambiente, o resgate da ancestralidade por meio de conhecimentos populares sobre as plantas e a troca de conhecimentos de forma horizontal.

Em 2019, os colaboradores do coletivo da Agrofloresta foram convidados a implementar uma horta agroecológica na Escola Municipal Cuba, localizada no bairro Ribeira, também na Ilha do Governador, onde foram realizadas diversas oficinas. Nesse momento, o coletivo passa a discutir temas como a educação ambiental de forma mais aprofundada, se tornando uma vontade de todos realizar intervenções agroecológicas em outros locais da Ilha do Governador, assim como já acontecia no Cocotá, com enfoque educativo.

No mesmo ano, o coletivo também foi convidado a implantar hortas agroecológicas na Escola Estadual Rotary, localizada no bairro Freguesia e na Escola Municipal Sun Yat Sen, localizada no bairro Bancários, que foram realizadas através de oficinas com os alunos. Além das intervenções nas escolas, diversas atividades de educação em agroecologia com crianças que frequentam o aterro do Cocotá são realizadas, a partir da troca durante os mutirões de manejo do espaço. Tanto as escolas como a Agrofloresta do Cocotá estão inseridas em um contexto urbano-periférico nas quais as crianças envolvidas moram em comunidades e passam por diferentes níveis de insegurança nutricional, visto que a educação alimentar e nutricional nesses espaços tende a ser escassa, além de um cotidiano de descartes irregulares de resíduos, comunicação violenta, entre outros fatores comuns nesse contexto.

Descrição da Experiência

O desequilíbrio dos ecossistemas reflete um desequilíbrio anterior da mente humana. Em outras palavras, a crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise de educação (Capra et al, 2006). Partindo desse pressuposto, para o coletivo se tornou não factível a prática da Agroecologia no território sem que fossem trabalhadas ações educativas. A presença do coletivo da Agrofloresta do Cocotá nas escolas se deu através de oficinas educacionais que levavam em conta a horizontalidade do ensino-aprendizado, com o objetivo de uma educação emancipatória (Freire, 1994). Nesse formato de educação, o aluno pode transformar e transcender sua realidade pessoal e social, já que a aquisição de conhecimentos o levam a compreender sua relação com o tempo e a existência (Polli, 2020). Nas oficinas foram enfatizados temas presentes na realidade dos alunos, procurando levar assuntos de interesse e que fomentam o pensamento crítico em relação ao



caminho dos alimentos, a agrobiodiversidade que não é vista nos mercados, o descarte de resíduos orgânicos e não orgânicos, entre outros, através de atividades como o plantio na escola, a construção de uma composteira e rodas de conversa.

Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Paulo Freire, 1996). Tendo isso em mente, todas as atividades eram iniciadas com místicas com o objetivo de trazer afetividade e alegria para o processo de ensino-aprendizado. A metodologia inicial consistia em fazer uma roda com os participantes, e então eram feitas perguntas como “como está seu tempo interno hoje?”, “qual planta você gostaria de ser hoje?”, “o que você gostaria de plantar na horta?”, além de também serem levados instrumentos musicais, para cantarmos músicas com eles, ocasionalmente.

Nas oficinas também foi levado em conta a alfabetização ecológica em todas as faixas etárias, mas especialmente na escola Sun Yat Sen, na qual as crianças estavam em idade de alfabetização (a maioria possuía entre 6 a 10 anos). A alfabetização ecológica consiste no processo no qual o aluno adquire a capacidade de ler, descrever e interpretar o ambiente que o cerca. Um indivíduo alfabetizado passa a reconhecer e decodificar aspectos ecológicos locais e, assim, encontrar soluções para problemas no seu dia a dia (Capra et al, 2006).

Resultados

A Agrofloresta do Cocotá surgiu por meio do encontro de pessoas com vontade de transformar o bairro onde moram através do aumento da diversidade. Por ser um movimento popular comunitário, o manejo da Agrofloresta pelo mutirão sempre aconteceu de forma autogestionada e horizontal, tendo como diretrizes o combate à insegurança alimentar, o cuidado com a saúde mental através do contato com a terra e o resgate de práticas ancestrais de manejo. Quando o coletivo da Agrofloresta passa a realizar as intervenções nas escolas, as mesmas diretrizes são levadas em consideração, agora adaptadas para o contexto escolar.

Para o coletivo, sempre foi de suma importância a criação de espaços horizontais de diálogo e construção de conhecimentos, visto que as instituições funcionam majoritariamente de forma hierarquizada. Momentos de trocas de saberes são necessários para gerar sentimento de autonomia de pensamento, e promover a possibilidade de “inéditos viáveis” como mencionado por Paulo Freire (Freire, 2005). No contexto da educação básica vemos uma hierarquização de conhecimentos na qual os saberes adquiridos por meio das vivências dos alunos, assim como os conhecimentos tradicionais, são muitas vezes negligenciados frente ao conhecimento acadêmico convencional.



Além disso, estudos asseguram que a afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza (Côté, 2002; Rodríguez, Plax & Kearney, 1996; Codo & Gazzotti, 1999). Nas oficinas que realizamos levamos em conta o contexto de educação em que os alunos estavam inseridos, e buscamos tornar a horta um espaço de horizontalidade e afetividade para o aprendizado, valorizando as questões, saberes e vontades que os alunos traziam. Sendo assim, buscamos enfatizar o respeito mútuo, a diversão ao executar as atividades e a autonomia e pertencimento das crianças naquele espaço no qual elas eram agentes transformadores.

Tivemos como resultados dos plantios, a produtividade de uma parte ociosa do terreno das escolas, através de diversas colheitas realizadas em conjunto com os alunos para complementar a alimentação em casa ou na merenda escolar, como hortaliças convencionais (alface, mostarda, chicória, salsa, cebolinha e coentro) e até mesmo PANC como a vinagreira e a chaya. Também foi colhido milho, feijão guandu, cachos de banana e outras frutas presentes nas escolas. Ainda assim, o principal resultado foi o desenvolvimento cognitivo e comportamental dos alunos envolvidos no cuidado com a horta. Foi possível constatar melhoras no comportamento e interesse dos alunos que participavam das atividades, assim como o acúmulo de conhecimentos sobre as plantas, animais, e outros componentes do agroecossistema da horta, mostrando que a perspectiva lúdica, afetiva e horizontal é uma aliada no processo de ensino-aprendizado.

Após a pandemia, o cuidado com as hortas ficou muito dependente do interesse do corpo escolar em dar continuidade às atividades, e isso se apresentou de forma positiva. Na escola Sun Yat Sen, as atividades de educação ambiental envolvendo o espaço da horta continuam até hoje através do Projeto de Extensão em Agroecologia Capim Limão, vinculado ao Instituto de Biologia da UFRJ. O projeto foi convidado a incorporar a escola nas suas atividades de extensão e, dessa maneira, foi possível assegurar uma continuidade na relação envolvendo a horta que foi construída com todo corpo escolar. Já na escola Cuba, a atual coordenadora incluiu a horta nas atividades dos estagiários de ciências biológicas da escola, e assim também foi dada a continuidade às atividades com os alunos e cuidado com o espaço. Na escola Rotary, a atual diretora mostrou bastante interesse em dar continuidade a tudo que foi realizado até então e está sempre motivando os professores a utilizarem o espaço em suas atividades pedagógicas.

Agradecimentos

Agradecemos a todo o corpo escolar da Escola Municipal Cuba, Escola Estadual Rotary e Escola Municipal Sun Yat Sen, pela oportunidade de trabalharmos a temática da Agroecologia dentro das escolas, e a todos os colaboradores da



Agrofloresta do Cocotá, assim como os integrantes do Projeto de Extensão em Agroecologia Capim Limão e a Rede de Agroecologia da UFRJ.

Referências bibliográficas

CAPRA, Fritjof et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix; 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

POLLI, José. **Educação emancipatória e atualidade do pensamento ético político de Paulo Freire: diálogo e promoção dos direitos humanos**. Filosofia e Educação (Campinas). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8659969/22986>. Acesso em: 03 maio 2023.

RIBEIRO, Marinalva. **A afetividade na relação educativa**. Estud. psicologia (Campinas). 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsrC/>. Acesso em: 03 maio 2023.